



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

O Trabalho Científico: Algumas Discussões Preliminares

Luciana Aparecida de Araújo Penitente; Rosane Michelli de Castro

Como citar: PENITENTE, Luciana Aparecida da Araújo; CASTRO, Rosane Micheli de. O Trabalho Científico: Algumas Discussões Preliminares. *In:* MIGUEL, José Carlos; REIS, Marta dos. **Formação Docente:** perspectivas teóricas e práticas pedagógicas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 153-167.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2015.978-85-7983-649-7.p153-167>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O TRABALHO CIENTÍFICO: ALGUMAS DISCUSSÕES PRELIMINARES

Luciana Aparecida de Araújo Penitente¹

Rosane Michelli de Castro²

INTRODUÇÃO

Neste texto, como indica o título geral, temos como objetivo apresentar algumas discussões preliminares propostas aos alunos das disciplinas “Pesquisa Pedagógica” e “Trabalho de Conclusão de Curso – TCC”, do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília. Por se tratar de “algumas discussões preliminares”, certamente que outras tantas que decorrem desse primeiro momento, pelos limites de formatação impostos para a elaboração deste texto, não foram contempladas, sendo este, portanto, um texto introdutório de outros que esperamos apresentar na série de material didático a ser publicada periodicamente pela Editora Oficina Universitária da FFC – Unesp/Marília, mediante os quais esperamos contemplar o conjunto das discussões e conteúdos que constam nos planos de ensino das disciplinas mencionadas.

¹ Professora Assistente Doutora junto ao Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Campus de Marília.

² Professora Assistente Doutora junto ao Departamento de Didática da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, Campus de Marília.

1 A PESQUISA E SEUS FINS

Uma série de preconceitos e pré-conceitos cerca a concepção de pesquisa. Vejamos algumas dessas ideias equivocadas:

- ◆ A pesquisa científica (que não é privilégio das cabeças geniais) é diferente de pesquisa escolar (que geralmente é apenas cópia ou repetição).
- ◆ A atividade de pesquisa tem a finalidade de produzir conhecimentos novos, já que se busca uma resposta aos problemas localizados, cuja solução tem um fim em si mesmo.
- ◆ Pesquisa é atividade de investigação capaz de oferecer um conhecimento novo a respeito de uma área ou de um fenômeno, sistematizando-o em relação ao que já sabe a respeito dele.

Segundo Fazenda:

[...] qualquer que seja o problema, o referencial teórico ou a metodologia empregada, uma pesquisa implica o preenchimento de três requisitos: existência de uma pergunta que se deseja responder; A elaboração e descrição de um conjunto de passos que permitam obter a informação necessária para respondê-la; A indicação do grau de confiabilidade na resposta obtida. (FAZENDA, 1989, p. 27).

Pode-se, portanto, afirmar, em sentido geral, que investigar ou pesquisar significa buscar ou procurar respostas para alguma coisa, algum fato ou esclarecer dúvidas. Portanto, mediante a atividade de pesquisa desenvolve-se a ciência que é o caminho para se fazer avançar o conhecimento, a partir de um trabalho planejado, metódico, sistemático e de análise rigorosa.

O trabalho científico em geral, do ponto de vista lógico, é um discurso completo. Tal discurso, em suas grandes linhas, pode ser narrativo, descritivo ou dissertativo. No sentido em que é tratado neste texto, o trabalho científico assume a forma dissertativa, pois seu objetivo é *demonstrar*, mediante *argumentos*, uma *tese*, que é uma solução proposta para um *problema*, relativo a determinado *tema*. (SEVERINO, 2000, p.183).

Desse modo, podemos então dizer que o conhecimento científico resulta de uma atividade intencional que, partindo de um problema refe-

rente a um dado tema, vincula fatos, ideias e conhecimentos anteriormente adquiridos, articula o lógico e o real e estabelece relações na construção de um discurso argumentativo e demonstrativo. Algumas de suas características principais são:

- ◆ É obtido mediante procedimento metódico, racional e objetivo;
- ◆ Atém-se aos fatos, mas os transcende;
- ◆ É comunicável e verificável;
- ◆ É analítico, requer precisão, exatidão e clareza;
- ◆ É explicativo e permite generalizações.

A pesquisa é um procedimento intelectual usado para adquirir conhecimentos pela investigação de uma realidade e busca de novas verdades sobre um fato (objeto, problema). Com base em métodos adequados e técnicas apropriadas, o pesquisador busca conhecimentos específicos, respostas ou soluções ao problema estudado. No resultado de uma pesquisa não se deve atribuir verdade absoluta, pois as descobertas são sempre renovadas e toda análise sobre um fato apresenta várias implicações, tanto de ordem apreciativa quanto analítica.

Contudo, o pesquisador procura mostrar aquilo que está enquadrado no conhecimento empírico, visando explicar com segurança a validade dentro de suas descobertas, por meio do conhecimento científico.

A pesquisa surge quando se tem consciência de um problema e temos interesse em buscar sua solução. A indução realizada para alcançar essa solução constitui a pesquisa propriamente dita. Para tal, necessitamos da aplicação de procedimentos metodológicos com a intenção de desenvolver, modificar e ampliar conhecimentos que possam ser testados por meio das investigações e transmitidos. A pesquisa de cunho científico estabelece parâmetros necessários entre causa e efeito e suas constatações.

A pesquisa visa descobrir respostas para perguntas pelo emprego de procedimentos científicos, que são processos criados para aumentar a probabilidade de que a informação obtida seja significativa para a pergunta proposta, além disso, seja precisa.

Acima de tudo, a pesquisa é o resultado de uma atitude do ser humano diante do mundo que o cerca, do qual ele mesmo faz parte e,

portanto, busca entendê-lo, reconstruí-lo e, conseqüentemente, torná-lo inteligível. Por meio de novas descobertas, visa contribuir para o aperfeiçoamento e progresso da humanidade.

2 OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE

É possível, principalmente nas ciências humanas, a produção de um conhecimento objetivo, sem as marcas próprias do pesquisador?

[...] enquanto os positivistas buscam independência entre sujeito e objeto, e neutralidade no processo de investigação, para os 'qualitativos' conhecedor e conhecido estão sempre em interação e a influência dos valores é inerente ao processo de investigação. (ALVES, 1991, p. 55).

Para que a análise de qualquer tema fosse desapassionada, seria necessário que o pesquisador mantivesse distância emocional de seu campo de pesquisa. Mas será possível, por exemplo, que um religioso ou religiosa, ao analisar as alterações comportamentais da sociedade contemporânea, ou a história da Igreja, ignore sua própria formação e história de vida? Ou uma professora abordar um tema referente à prática de sala de aula, sem um envolvimento com sua própria prática?

Segundo Alves (1991, p. 54), a hermenêutica

[...] parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato precisando ser desvelado.

Nas pesquisas que utilizam prioritariamente abordagens qualitativas, o pesquisador é considerado o principal instrumento. Esta posição é objeto de divergência entre autores, em face de pressupostos de natureza epistemológica. Em geral, coloca-se em contraposição o paradigma positivista e o qualitativo.

No paradigma positivista, acredita-se na existência de uma realidade exterior ao sujeito que pode ser conhecida objetivamente e os fenômenos podem ser fragmentados. Já no paradigma qualitativo, admite-se que a realidade é uma construção social da qual o pesquisador participa.

O conhecimento desta realidade pode nos preparar para trabalhar esta variável de forma que os resultados da pesquisa não sofram interferências além das esperadas. Nesse sentido, é preciso que o pesquisador tenha consciência da possibilidade de interferência de sua formação moral, religiosa, cultural e de sua carga de valores para que os resultados da pesquisa não sejam influenciados por eles além do que é possível. E é com base na concepção conhecida como idealista-subjetivista ou fenomenológica de conhecimento que teve origem a abordagem de pesquisa qualitativa (final do século XIX), trazendo as ideias do interacionismo simbólico, da etnometodologia e da etnografia, todas derivadas da fenomenologia.

Vejamos o quadro a seguir:

<p>ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA (Dilthey)</p> <p>Busca dos fenômenos ultrapassa a relação causa/efeito e considera o contexto;</p> <p>Propõe a Hermenêutica: interpretação dos significados e relações humanas; (Weber)</p> <p>Compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas próprias ações, no contexto.</p>	<p>INTERACIONISMO SIMBÓLICO: Enfoque no como ocorre a construção de interpretações/visões de mundo, a partir da participação dos sujeitos, nas relações sociais. Importância ao <i>SELF</i> – imagem de si mesmo, baseada nas relações que o indivíduo estabelece socialmente.</p>
	<p>ETNOMETODOLOGIA: Enfoque nos estudos dos métodos utilizados pelos sujeitos para a estruturação do dia-a-dia. Estudos das práticas cotidianas e do senso comum. (Influência da Sociologia).</p>
	<p>ETNOGRAFIA: Enfoque nos estudos da cultura dos grupos sociais (sistemas de significados construídos para explicar a realidade e a si mesmos; sistemas de símbolos de determinados grupos sociais. (Influência da Antropologia). A pesquisa etnográfica fundamenta-se em dois conjuntos de hipóteses sobre o comportamento humano (Naturalística-ecológica: afirma ser o comportamento humano significativamente influenciado pelo contexto em que se situa - pesquisa <i>“in loco”</i>. Qualitativo-fenomenológica: é quase impossível entender o comportamento humano sem tentar entender o quadro referencial dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamentos, sentimentos e ações).</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

3 A PESQUISA PURA E A PESQUISA APLICADA

Há muitas razões que determinam a realização de uma pesquisa. Podem ser classificadas em dois grandes grupos: razões de ordem intelectual e razões de ordem prática. As primeiras decorrem do desejo de conhecer pela própria satisfação de conhecer. As últimas decorrem do desejo de

conhecer com vistas a fazer algo de maneira mais eficiente ou eficaz. São chamadas “puras” e “aplicadas”.

O grau de dificuldade de uma pesquisa não depende do fato de ser ela pura ou aplicada e sim, do grau de complexidade do objeto ou do problema em tratamento. Elas se completam e não se excluem.

A pesquisa sempre começa com alguma forma de pergunta ou de problema. Seu objetivo principal é descobrir respostas para essas perguntas através do emprego de processos científicos. Como toda atividade racional é sistemática, ela também requer que as ações desenvolvidas ao longo de seu processo sejam planejadas.

Pode-se considerar esse planejamento como a primeira fase da pesquisa, que envolve a formulação do problema e a construção de hipóteses. Pode ser definido como o processo sistematizado, mediante o qual se pode conferir maior eficiência à investigação para em determinado prazo alcançar o conjunto das metas estabelecidas.

4 PRINCIPAIS ETAPAS DE UMA PESQUISA

O processo de pesquisa consiste em determinar algumas atividades a serem desenvolvidas que se relacionam e continuamente se sobrepõem, ou seja, não seguem necessariamente uma sequência estritamente determinada. As etapas são interdependentes e devem contemplar:

- ◆ Apresentação do objeto, sob a forma de formulação do problema;
- ◆ Descrição do planejamento de estudo;
- ◆ Objetivos;
- ◆ Especificação dos métodos de coleta de dados, instrumentos;
- ◆ Forma de análise dos dados;
- ◆ Apresentação dos resultados e
- ◆ Interpretação e conclusões.

As primeiras etapas influem nas seguintes, há interação de uma etapa com outras e frequentemente as etapas seguintes conduzem a uma reconsideração das anteriores.

A pesquisa é uma busca contínua de verdade, na qual respostas provisórias conduzem a um refinamento dos problemas a que se aplicam e dos processos pelos quais se obtiveram tais respostas.

O projeto de pesquisa só pode ser definitivamente elaborado quando se tem o problema claramente formulado, os objetivos bem determinados, assim como o plano de coleta e análise dos dados.

5 OS PROCEDIMENTOS CIENTÍFICOS NA PESQUISA

Um trabalho de investigação científica deve conduzir-se de maneira logicamente ordenada. Inicia-se com a apresentação e delimitação do problema, acompanhadas de uma revisão literária relacionada com o assunto. Apresenta também a formulação de hipóteses e descrição da metodologia, dos procedimentos a serem adotados, instrumentos de coleta e forma de análise dos dados. Esses dados devem ser manipulados segundo um critério metodológico, de modo que, uma vez devidamente tratados, comportam análise e interpretação desenvolvidas em função de hipóteses previamente formuladas.

No campo da pesquisa, a intuição raramente proporciona condições adequadas, que favorecem os requisitos da precisão e da validade. Para que haja pesquisa científica, é preciso que se adote uma metodologia adequada ao problema ora estudado, compreendendo uma série de etapas que se complementam, mas que, no entanto, trazem uma sequência rigorosamente lógica, com certa rigidez quanto à seleção e tamanho da amostra, e um controle sistemático e constante no que se refere à validade interna e externa na técnica operacional do trabalho. Portanto, para que uma pesquisa seja considerada científica, tem que atender os seguintes requisitos:

- ◆ Tem que ser lógica e meticulosamente planejada;
- ◆ Seu objeto deve ser passível de mensuração;
- ◆ O critério de seleção da amostra deve permitir validade interna;
- ◆ O tamanho da amostra deve ser suficientemente grande para garantir uma margem mínima de erro;
- ◆ A delimitação do problema deve ser feita de maneira clara e precisa;
- ◆ A formulação da hipótese se faz de modo a permitir uma prova de significância;

- ◆ O instrumento de coleta não traz vícios de tendenciosidade;
- ◆ Os instrumentos de medida primam pela exatidão.

6 A FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

O tema de uma pesquisa é o assunto que se deseja desenvolver. Enquanto o tema é uma proposição mais abrangente, a formulação do problema é mais específica. Indica exatamente a dificuldade que se pretende resolver.

Assim, formular o problema significa dizer, de maneira explícita, clara, compreensível e operacional qual a dificuldade que se defronta e que se pretende resolver, limitando seu campo e apresentando suas características. Desse modo, tornamos o objetivo individualizado e inconfundível. O assunto escolhido será questionado pelo pesquisador, que o transformará em problema, mediante seu esforço de reflexão, sua curiosidade e sua experiência. A seguir, vejamos o que se deve ter em mente ao formular um problema:

- ◆ Formular o problema como pergunta, provocando a problematização do assunto;
- ◆ Deve ser claro e preciso;
- ◆ Ser empírico: a objetividade é uma característica importante;
- ◆ Ser suscetível de solução, portanto, é preciso ter domínio da tecnologia adequada;
- ◆ Ser delimitado a uma dimensão viável, não em termos muito amplos.

7 A FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES

A hipótese é a possível solução do problema, é uma proposição que se forma e que será aceita ou rejeitada somente depois de testada. Ela ou elas existem para sugerir explicações para os fatos que podem ser a solução do problema. Podem ser verdadeiras ou falsas, mas, sempre que bem elaboradas, conduzem à verificação empírica, que é o propósito da pesquisa científica.

Originam-se das mais diversas fontes; algumas da simples observação dos fatos, outras de pesquisas já realizadas, outras a partir de teorias e algumas da própria intuição. As hipóteses derivadas de teorias são as

mais interessantes no sentido de que proporcionam ligação clara com o conjunto mais amplo de conhecimentos das ciências. As hipóteses também possuem características importantes:

- ◆ Possibilidade de confirmação;
- ◆ Clareza;
- ◆ Simplicidade;
- ◆ Economia nos enunciados;
- ◆ Ser específico;
- ◆ Capacidade de explicar o problema;
- ◆ Não deve contradizer nenhuma verdade já aceita ou explicada.

8 CLASSIFICAÇÃO DAS PESQUISAS³

Para o estabelecimento de seu marco teórico, ou seja, para possibilitar uma aproximação conceitual, é possível e necessário classificar as pesquisas com base em seus objetivos. Daí que as pesquisas podem ser classificadas em: exploratórias, descritivas e explicativas.

EXPLORATÓRIAS	DESCRITIVAS	EXPLICATIVAS
<p>Objetivo principal: aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Na maioria das vezes envolvem; levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o pesquisado; análise de exemplos que “estimulem a compreensão”.</p> <p>Na maioria, assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso.</p>	<p>Objetivo principal: descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou ainda, o estabelecimento de relações entre variáveis.</p> <p>Os estudos mais significativos: utilizam-se de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. Quando se pretende ir além, por exemplo, determinar a natureza das relações, ou proporcionar uma nova visão do problema, ela se aproximará da explicativa. Geralmente assume a forma de levantamento.</p>	<p>Objetivo principal: identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Aprofunda o conhecimento; explica a razão, o porquê das coisas.</p> <p>Uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de uma descritiva, pois antes dos porquês, há uma fase de descrição detalhada.</p> <p>Nas ciências naturais: valem-se dos métodos experimentais.</p> <p>Nas ciências sociais: nem sempre podem ser rigidamente explicativas e, sobretudo na psicologia, revestem-se de elevado controle, chegando a ser chamadas quase experimentais.</p> <p>Geralmente se classificam como experimentais e <i>ex-post facto</i>.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor.

³ Neste tópico, apresentamos parte das discussões que são trabalhadas a partir do texto elaborado por Gil (1996).

Segundo Gil (1996), para analisar os fatos do ponto de vista empírico, para confrontar a visão teórica com os dados da realidade, torna-se necessário traçar um modelo conceitual e operativo da pesquisa, ou seja, um delineamento (permite a diagramação quanto a previsão de análise e interpretação), onde se considera o ambiente, os dados coletados e as formas de controle das variáveis. O elemento mais importante para o delineamento é o procedimento adotado para a coleta de dados. Assim, podem ser classificados dois grandes grupos de delineamentos:

- Aqueles que se valem das chamadas fontes de papel	- Aqueles cujos dados são fornecidos por pessoas
Pesquisa documental: Vale-se de material que não recebeu tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos. Pesquisa bibliográfica: Boa parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisa bibliográfica. Vale-se de material que já recebeu tratamento analítico: livros, publicações periódicas, impressos diversos. Diferença entre ambas: natureza das fontes.	Pesquisa experimental. Pesquisa <i>ex-post facto</i> : a partir do fato passado. Levantamento. Pesquisa de campo. Estudo de caso. Pesquisa-ação. Pesquisa participante.

Fonte: Elaborado pelo autor.

9 ALGUNS MÉTODOS DE COLETA DOS DADOS E INFORMAÇÕES

9.1 HISTÓRIA DE VIDA

A história de vida é um recurso metodológico vinculado à chamada História Oral. Dentre as formas em que a História Oral pode se manifestar destacam-se: a história de vida e o depoimento.

A história de vida é proveniente do Interacionismo simbólico de Mead e junto com a observação participante é o que melhor dá sentido à noção de processo, uma vez que ela busca compreender, no processo de interação, como se constrói a vida do ator. (MACEDO, 2006).

A história oral tem sido definida por alguns autores como metodologia, como técnica e como fonte para a pesquisa social, cuja base é a oralidade.

Como metodologia, ela contém, reúne, propõe princípios teórico-epistemológicos que fundamentam e norteiam a construção da pesquisa, da investigação dos fenômenos da vida humana e social (TEIXEIRA, 2004).

Enquanto técnica, a história de vida propõe um conjunto de estratégias para a investigação, focando a oralidade e as diferentes formas de apre-

endê-la e registrá-la. Sendo assim, as entrevistas livres e semi-estruturadas, sejam elas gravadas ou filmadas, representam o seu principal instrumento de abordagem dos sujeitos de pesquisa. Além da preparação e da realização das entrevistas, tais técnicas exigem a transcrição, interpretação e análise dos dados coletados, atentando-se aos aspectos técnicos, à classificação e catalogação do material recolhido, ao seu arquivamento e conservação.

Quando gravadas, o material em que ficam registradas as entrevistas e depoimentos e suas respectivas transcrições tornam-se documentos que, por sua vez, tornar-se-ão fontes para a pesquisa de abordagem histórica ou outros tipos de estudo. Uma fonte ou documento produzido pelo próprio pesquisado, diferentemente de outras fontes já existentes, em que os pesquisadores levantam, identificam, contextualizam e classificam para a sua utilização e análise. Por isso, a história oral é também definida, por alguns pesquisadores como “Fonte” (TEIXEIRA, 2004, p. 155).

9.2 DEPOIMENTO

Quanto ao depoimento “[...] está intimamente ligado à técnica de história de vida, e deve ser utilizado quando o pesquisador quer atingir um lapso de tempo mais reduzido, mais localizado.” (GAIO, 2006, p. 98).

Pode ser definido como discurso que se enuncia como tal e está submetido ao julgamento da história, seja ela recente ou distante. Por essa especificidade, o depoimento aproxima-se do testemunho, e como tal se afirmar à medida que se reconhece haver entre o pesquisador e o depoente um contrato firmado.

Assim, pode-se pensar no depoimento como tentativa do pesquisador de criar uma fonte que conduzirá aos documentos mais adequados à sua pesquisa. Além disso, quem opta pela coleta de depoimento deverá estar consciente de que ele pode ser controlado pelos depoentes, conforme a versão ou visão do fato que se queira demonstrar.

9.3 ENTREVISTA

Marconi e Lakatos (1996) afirmam que a entrevista é um encontro entre duas pessoas, cujo principal objetivo é o de se obter informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema. Para essas autoras, há diferentes tipos de entrevistas, que variam em conformidade com o propósito do entrevistador, a saber:

- ◆ Padronizada ou estruturada: é aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao entrevistado são predeterminadas; realiza-se de acordo com um formulário; e com pessoas selecionadas conforme um plano.
- ◆ Despadronizada ou não estruturada: o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada; em geral, as perguntas são abertas, e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal. Marconi e Lakatos (1996) admitem a existência de três modalidades desse tipo de entrevista:
 - 1ª Focalizada: Há um roteiro a ser seguido, porém o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser;
 - 2ª Clínica: Trata-se de estudar os motivos, os sentimentos, a conduta das pessoas;
 - 3ª Não dirigida: Há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é, primordialmente, de incentivador.

Porém, de maneira simplificada, classifica os diferentes tipos de entrevistas em: dirigida, semidirigida e não dirigida.

9.4 OBSERVAÇÃO

É uma técnica que tem por objetivo obter informações a respeito de determinados aspectos da realidade, possibilitando ao pesquisador:

[...] identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento. Desempenha papel importante nos processos observacionais, no contexto da descoberta, e obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade. (MARCONI e LAKATOS, 1990, p. 79).

Para Gaio; Carvalho; Simões (2008), a observação pode ser considerada quanto à sua estruturação como assistemática ou sistemática. A observação assistemática ou não estruturada caracteriza-se por estar voltada para os acontecimentos sem planejamento, ou seja, como decorrência de fenômenos que surgem de imprevisto. Enquanto que a observação sistemática, ou estruturada, ocorre em condições controladas para responder a propósitos que foram definidos antecipadamente. (GAIO; CARVALHO; SIMÕES, 2008).

Ademais, a observação também pode se diferenciar em relação ao tipo de participação na pesquisa, podendo ser considerada como participante ou não participante. Na observação não participante, o pesquisador tem contato com os sujeitos da realidade estudada, mas não se integra a ela, surge como um elemento que vê a realidade de fora. Enquanto que na observação participante, o pesquisador interage com os sujeitos da pesquisa, explicitando sua subjetividade (Idem, 2008).

9.5 QUESTIONÁRIO

Quem opta pela técnica do questionário tem que considerar o fim e o propósito a ser alcançado com o uso dessa técnica, selecionando questões que efetivamente representem o objetivo da investigação.

O questionário deve ser respondido pelo próprio entrevistado, sendo composto por perguntas abertas, aquelas em que o pesquisador tem liberdade para responder, e de perguntas fechadas, aquelas que restringem a liberdade de respostas, ou mistas, em que mesclam as duas opções (Idem).

O questionário pode ser aplicado de duas formas: mediante contato direto ou então, ser enviado pelos correios, garantindo sempre o sigilo, a ética e as informações a respeito de seu preenchimento.

9.6 FORMULÁRIO

Para Gaio (Idem), o uso do formulário caracteriza-se por fazer uso de um conjunto de questões que são perguntadas e anotadas por um entrevistador, numa situação face a face com o entrevistado. As questões devem

ser organizadas das mais fáceis às mais complexas, referindo-se a uma ideia de cada vez e respeitando o nível de conhecimento dos sujeitos. Esse instrumento deve ser preenchido pelo próprio pesquisador, que poderá oferecer explicações a respeito de determinado questionamento. No uso do formulário considera-se o contato com o pesquisador, a flexibilidade por adaptar-se às necessidades de cada situação e a facilidade na aquisição de um número representativo de participantes. Por ser respondido pelo próprio pesquisador, é possível atingir a uniformidade nas respostas (GAIO; CARVALHO, SIMÕES, 2008).

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 77, p. 53-61, 1991.
- FAZENDA, I. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- GAIO, R. *Para além do corpo deficiente: histórias de vida*. Jundiaí: Fontoura, 2006.
- GAIO, R.; CARVALHO, R. B.; SIMÕES, R. O caminho da produção de conhecimento. In: GAIO, R. (Org.). *Metodologia de Pesquisa e Produção de Conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 147-171.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- MACEDO, R. S. A etnopesquisa e a apropriação do método. In: MACEDO, R. S. *Etnopesquisa crítica etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro, 2006. p. 81-150.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.
- _____. *Técnicas de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1990.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.
- TEIXEIRA, I. A. C. História oral e educação virtualidades, impregnações, ressonâncias. In: ROMANOVSKI, J. P.; MARTINS, P.L.O.; JUNQUEIRA, S. R. A. (Org.). *Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente*. Curitiba: Champagnat, 2004. p. 153-165.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BALAN, J. (Org.). *Las historias de vida en las ciencias sociales: teoría y técnica*. Buenos Aires: Nueva Vision, 1974.
- BARROS, A. J. S., LEHFELD, N. *Fundamentos de metodologia científica: um guia para a iniciação científica*. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- ENGERS, M. E. A. (Org.). *Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação: notas para reflexão*. Porto Alegre: EDPUCRS, 1994.
- FACHIN, O. *Fundamentos de metodologia*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2004.
- _____. A evolução da pesquisa em educação. In: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2004. p. 1-10.
- NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. Historiografia da educação e fontes. *Cadernos ANPED*, Porto Alegre, n. 5, p.7-64, set. 1993.
- NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento, 1997.